

O MUSEU MUNICIPAL DE LOURES - QUINTA DO CONVENTINHO

SÉRGIO LIRA
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
PORTUGAL

O Museu da Quinta do Conventinho estava, quando com ele tomei contacto pela primeira vez, "novinho em folha"... de facto tinha aberto ao público há bem poucos meses (em Julho de 1998). Aqui e ali, em locais que do ponto de vista do público podem ser considerados de menor importância, havia ainda obras em execução; no entanto, não só os edifícios como toda a área ocupada pelo museu, aparentavam um esmero de arranjo digno de nota.

O Museu ocupa um espaço que foi anteriormente quinta e que havia sido em tempos mais recuados, convento¹. O início do último quartel do século XVI marca a primeira ocupação pelos monges capuchos. O edifício e os terrenos que lhe pertenciam estiveram sob desígnios religiosos até 1834, quando a abolição das Ordens Religiosas fez cessar a sua função de mosteiro; o imóvel foi adquirido por particular e assim se manteve até 1988, ano em que se iniciou o processo de transição para a posse da Câmara Municipal de Loures. A decisão de aí instalar o museu municipal data

¹ As informações sobre estes aspectos da história do edifício e sua envolvente foram buscadas em INÁCIO, Albertina e ASSUNÇÃO, Ana Paula - *De conventinho a quinta: o novo Museu Municipal de Loures*, Câmara Municipal de Loures, Loures, 1998. Pode também consultar-se o "Suplemento" in *Cidades & Municípios*, nº 78, Cidades e Municípios Editora Lda., 1998.

de 1995; a inauguração do Museu deu-se a 26 de Julho de 1998.

Actualmente o acesso faz-se por uma álea ascendente de árvores que rapidamente quase faz esquecer o trânsito pouco convidativo em que se circula pela estrada principal, a Nacional 8. A primeira impressão do visitante é a de um coerente tratamento arquitectónico dos edifícios que integram o museu: as reconstruções, os muros, o edifício principal, tudo está cuidadosamente pintado a uma cor que identifica na paisagem os componentes do museu; os pavimentos exteriores a que se tem acesso de automóvel são resistentes e enquadram-se perfeitamente no ambiente recriado pela intervenção. O próprio parque de estacionamento é amplo e está bem integrado no complexo do museu.

O visitante é orientado por indicações colocadas em placas metálicas onde as legendas e os símbolos estão bem conjugados, são claros e facilmente identificados. A visita pode ser iniciada quer pelos edifícios quer pelo terreno envolvente. Começemos por este último:

Aproveitando algumas das estruturas da antiga quinta, o actual museu oferece um passeio agradável, especialmente se estiver bom tempo... Começamos por uma zona ajardinada,

no lado Sul/Sudoeste, que dá acesso a um socalco onde está recuperado um tanque e uma cascata de água. Os elementos vegetais estão cuidadosamente tratados e, os mais significativos, assinalados com o nome vulgar, a proveniência geográfica e o nome científico. Seguindo sempre ao longo do actual limite da propriedade, alcança-se a Cascata do Leão, onde um leão, deitando água pela boca, dá o nome à zona. Sobre a cascata encontra-se um mirante de onde se pode observar a maior parte do original edifício do convento, agora recuperado. Subindo sempre atravessamos o olival para atingir o local mais elevado, o Mirante dos Ventos, onde, fazendo-lhe juz ao nome, sopra uma brisa aparentemente permanente. Daí se abarca uma paisagem larga de horizontes e se pode ter uma ideia do que seria a Terra Saloia sem prédios de vinte andares... num paradoxo paisagístico chocante as terras agrícolas e de pastoreio misturam-se com as vias de comunicação atulhadas de um trânsito barulhento e constante e com as urbanizações totalmente desintegradas das colinas naturais.

Descendo do Mirante dos Ventos, novamente através do olival mas agora na direcção de sudeste, chegamos às *Hortas Pedagógicas* e ao *Jardim dos Cheiros*. São unidades que, como os próprio nomes indicam, se destinam primordialmente a actividades pedagógicas, onde as crianças organizadas em grupos, podem cultivar a *seu* talhão de terra. Mas não me desagradou nada passear pelo meio de tantas plantas *cheirosas*, cuidadosamente identificadas como acima já referi para outros exemplos.

A próxima paragem é no Mirante da Boa Vista: não tão alto como o dos Ventos, mas muito mais confortável, este Mirante apetece... o trabalho de recuperação não desleixou qualquer pormenor visível e todo o ambiente sugere que estamos umas boas décadas recuados no tempo. E a Vista é, de facto, Boa.

Para regressar à entrada principal ladeamos o edifício central que inclui a zona das exposições, a antiga capela e o corpo principal do outrora convento. Aqui, em face do jardim, a esplanada está muito bem situada e convida a uma pausa antes da visita aos edifícios.

A entrada principal dá acesso a três zonas distintas: em frente a capela, à direita as exposições, à esquerda a entrada que permite atingir o claustro e daí passar ao centro de documentação. Começemos a nossa visita exactamente por aqui:

No acesso ao claustro um primeiro aviso de que a recuperação arquitectónica do edifício, pelo interior, não deixou os créditos do que havíamos visto pelo exterior por mãos alheias: os tectos policromos são interessantes e foram mantidos. O claustro é de uma singeleza austera: colunas lisas, tectos de um branco imaculado, lajeado claro e limpo; um lago central, circular, com peixes e plantas aquáticas e duas roseiras que se entrelaçam numa quase invisível rede de arames estendidos fornecendo alguma sombra e um ambiente vegetal coerente com o exterior do edifício. Os caixilhos das portas e janelas e a pintura das paredes, cuidadosamente concordantes com a traça do edifício, completam o ambiente do claustro que, me parece, dificilmente seria mais

agradável. A iluminação nocturna deste espaço está também tratada com um cuidado digno de nota, não estando os pontos de luz em sítios que ofendam a harmonia do sítio.

Daqui temos acesso ao centro de documentação *Anselmo Braamcamp Freire* instalado no que havia sido o refeitório do mosteiro. Numa primeira sala se instalam os que pretendem realizar consultas, em outras dependências estão as obras a consultar e os arquivos fotográficos. A pesquisa é realizada através de uma base de dados informática e é livre a qualquer visitante. A maior parte da documentação refere-se, naturalmente, a Loures e à Terra Saloia, mas a pesquisa pode ser realizada para outros interesses e assuntos. No terminal de computador está também livre o acesso à rede (*InterNet*). Na sala de arrumação das obras de consulta o sistema de alta densidade permite uma vantajosa poupança de espaço. O material fotográfico está acondicionado num ambiente controlado favorável tanto de um ponto de vista da temperatura quanto da humidade relativa.

A capela está ainda numa fase não completa dos trabalhos de recuperação; vale, no entanto, a visita tanto pelos aspectos arquitectónicos como pela sua decoração policroma e pelos madeiramentos trabalhados.

A porta da direita, disse-o atrás, permite o acesso às exposições. Ao visitante é fornecida informação sobre o que vai ver e é realizado um controle das entradas, apesar de o acesso ser, como em todo o resto do complexo do Museu, livre.

No rés-do-chão encontra-se a exposição *Da Vida e da Morte. Os Romanos em Loures*. Trata-se de uma exposição estruturada sobre dois suportes principais: peças arqueológicas e *placards* com títulos e textos explicativos. O acesso visual às peças é permitido pelas *vitruines* em material transparente, praticamente sem "ângulos mortos". Tanto adultos como crianças vêm sem dificuldade de maior as peças expostas, bem como as legendas respectivas. Estas incluem indicações relativas ao tipo de objecto e à sua proveniência. Tais informações são completadas pelos textos explicativos que fazem parte dos *placards* e que estão organizados tematicamente (sob títulos sugestivos), de forma a fornecer uma visão abrangente da romanização da região de Loures.

As peças estão protegidas de mãos menos respeitadoras pelas *vitruines* a que aludi acima. No entanto não existe a sensação de uma grande distância entre o visitante e as peças expostas especialmente pela qualidade e simplicidade do material expositor. Não há também grande alarde de segurança, ou seja, o visitante não tem aquela sensação de estar a ser permanentemente alvo de uma desconfiança patológica, espiado por algumas câmaras semi-ocultas e detectado por sensores que cobrem todos os ângulos... a segurança é discreta e não fere a vista. No que respeita ao controle da HR e da temperatura o ar condicionado não é demasiadamente barulhento nem demasiadamente "invasivo" da exposição, apesar de se dar pela sua presença. Num canto um Higrómetro/Termómetro registava os valores medidos e ostentava uma tranquila linha de medidas sem "saltos" bruscos ou excessivos para além dos valores razoáveis numa exposição deste tipo.

Subindo a escada deparamos com a exposição *Somos Saloios. Procura de um conceito*. O visitante é guiado através de alguns elementos de exposição que vão sugerindo o que *era* ser-se saloio, bem como o que *é* ser-se saloio: vestuário, artesanato, alimentação, relação com a cidade e com os da cidade, etc.. Painéis mostram a evolução das divisões administrativas na região de Loures e a progressiva definição do que hoje é o Concelho. Uma vez mais a proximidade, a intimidade, do visitante às peças é notável e cria uma relação favorável. Os textos das legendas são curtos e informativos. Num dos painéis uma série de citações emoldurando uma fotografia de um saloio chama decisivamente a atenção pela agressividade das afirmações: trata-se de citações e de frases várias sobre os saloios que raíam, em alguns casos, o racismo. A afirmação de que *somos saloios!* desafia ousadamente a "rudeza" (para usar de eufemismo...) de algumas das citações.

Apenas uma perplexidade: sob os painéis que mostram a evolução das circunscrições administrativas estão alguns objectos, sem relação cronológica evidente com as datas dos ditos painéis, obrigando a uma segunda observação para evitar interpretação errónea.

Neste andar superior uma pequena área está destinada a receber grupos para projecção de audio-visuais. Trata-se de um espaço de não muito grandes dimensões com ligação física à ponta da exposição onde está tratado o filme *Aldeia da Roupa Branca*.

Também neste espaço de exposição a segurança e a vigilância não são invasivas e os

níveis de HR e temperatura assinalados no gráfico do aparelho medidor estavam dentro de valores interessantes.

Tanto no rés-do-chão como no andar superior os espaços conseguidos para as exposições são agradáveis: o visitante não se sente perdido nem apertado, sabe onde está e percebe facilmente qual o percurso da visita (apesar de poder deambular, voltar atrás ou refazer o percurso em sentido inverso). Estamos perante duas exposições relativamente pequenas quer de um ponto de vista do espaço utilizado quer do ponto de vista das peças expostas, mas a organização desses espaço e a criteriosa escolha dos elementos expostos conferem a ambas um conforto notável.

Noutro edifício, separado deste principal pelo pátio de acesso e a umas escassas dezenas de metros, podemos ter acesso às reservas visitáveis. Trata-se de uma secção que inclui alfaias agrícolas, meios de transporte, artesanato e diversos utensílios agrícolas, domésticos e comerciais saloios. Uma vez que se trata de reservas e não de exposição, os objectos não estão completamente legendados e não existem painéis explicativos. Apenas a visita guiada e acompanhada supre esta ausência. De um ponto de vista pedagógico estas reservas têm, como facilmente se pode adivinhar, uma importância de maior no conjunto do museu.

Uma palavra ainda para as oficinas: trata-se de um pavilhão amplo onde a actividade arqueológica reina, no centro: uma caixa de madeira contém uma área de escavação de romano, desde os níveis de terra vegetal até

camadas de pretérita habitação, passando por espólio vário (ânforas, lucernas, moedas, *terra sigilata*, tégulas, etc., cuidadosamente reproduzidas e quebradas). A terra e as pedras podem ser retiradas em decapagem por níveis estratigráficos, com auxílio de colherins, colheres de trolha, apanhadores, trinchas e pincéis... Uma autêntica estação romana de "faz de conta" em miniatura. Mas um "faz de conta" verdadeiramente arqueológico, autenticamente emporcalhante, terroso e poeirento como uma escavação não pode deixar de ser, se pretende ser, realmente, uma escavação... Não parece restar qualquer dúvida de que as crianças passam um bom bocado mergulhadas naquela quadrícula; aprendem certamente mais que em muitas e muitas aulas sobre romanização limpinha e livresca. Só falta, de facto, os *blanea* em edifício próximo: para a romanização ser completa e para alívio de alguns pais mais "puritanos".

A actividade das oficinas não se fica por aqui: numa grande mesa pode-se observar que o espólio da escavação deve ser tratado, limpo, marcado, observado. Segundo me informaram as oficinas dedicam-se ainda a outras actividades, como a reciclagem do papel. São pois um autêntico centro pedagógico preparado para receber visitantes de vários níveis de escolarização.

Finalmente, três notas para terminar: uma relativa ao restaurante/cafetaria que não é muito grande mas que garante o conforto de uma bebida, de uma refeição ligeira ou de uma verdadeira refeição, dentro de portas ou na esplanada gozando os jardins. Comi e gostei. Outra anotação relativamente às acessibilidades: o

museu previu o acesso de deficientes motores montando uma rampa nas escadas da entrada principal, dotando de elevador o acesso à exposição do primeiro andar e incluindo instalações sanitárias previstas para utilização a partir de uma cadeira de rodas; uma parte substancial dos jardins pode ser também acedida em cadeira de rodas. A última referência vai para os funcionários do museu e para os funcionários do serviço de segurança contratado: amabilidade, certeza de informações e disponibilidade são talvez a melhor descrição, e a que não deixa dúvidas quanto à qualidade da recepção que o visitante pode esperar.

Porto, Novembro de 1998